



ESTRELAS DE PARIS: A cantora Geneviève Vix, na *Manon*

N.º 333 Lisboa, 8 de Julho de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano 48000 — Semestre 24000 — Trimestre 12000

Illustração
PORTUGUEZA

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Edito: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: W. F. P. GILBERT

Para pessoas de idade

A arte de prolongar a vida
consiste em não a abreviar

Todos nós temos um certo capital de saúde e força para viver, o qual segundo é administrado, a sim aumenta ou diminui.

Talvez 90 por cento de nós todos, gastamos este capital demasiadamente depressa, por isso que, especialmente quando nos encontramos no pleno vigor da mocidade, fatigamos o organismo, em excesso.

Passados annos, vem então a natural falta de forças, apparecem mais frequentemente os transtornos da saúde, e começam a fazer falta as reservas de força que outr'ora se gastaram.

E' então indispensavel, fornecer ao organismo, novas forças e energias para assim o preparar para resistir ás perturbações que venha a soffrer.

Como o meio mais apropriado para isto, recommendam os medicos frequentemente a SOMATOSE LIQUIDA.

A Somatose liquida estimula e melhora efficazmente o appetite, a digestão e o funcionamento geral do organismo. Augmentando a produção do sangue, permite que se obtenha uma nutrição sã e abundante de todo o corpo.

A resistencia physica, o estado geral da saúde, a energia e vontade de trabalhar, e a alegria de viver, augmentam de uma maneira tão surprehendente, que nos sentimos de novo jovens.

Não é de estranhar pois, que muita gente deva a sua saúde á SOMATOSE LIQUIDA.

Especialmente as pessoas nervosas, e as que soffrem de digestões difficeis, devem tomar, pois o resultado é rapido e seguro, alguns frascos de SOMATOSE LIQUIDA.



Somatose liquida

SABOR «DOCE»

SABOR «SECCO»

A VENDA EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS



OS "SALONS,, DE PARIS

Eu lamento devéras o critico que se imponha o dever de falar em boa consciencia das duas grandes exposições de quadros e

um passadio menos mau aos que vivem d'ela e que a burguezia sotregamente chupa como eu chuparia os bons rebuçados de ovos que, por sinal, aqui não ha. Essa arte mediana, entre sofrível e mediocre, arte corretinha dos que pintam e escopram porque são pintores e esculptores, mas sem que no fundo tenham nada de novo a dizer-nos nos seus marmores ou nas suas telas, esmaga, por assim dizer, as coisas francamente boas que lá existem. Deante dos vossos olhos vae-se formando como que um nevoeiro de banalidade, atraz do qual o proprio genio nos pareceria



esculturas que n'esta época do ano occupam o Grand Palais. Nos *Artistes Français* o catalogo insere nada menos de 5:394 numeros, na *Société Nationale* 2:689. São, pois, se a soma me não falha, oito mil e oitenta e tres trabalhos que cumpre classificar, distinguir, analisar; oito mil e oitenta e tres trabalhos que se acumulam, prejudicando-se uns aos outros, e dando aos olhos que os contemplam, ao fim do primeiro quarto de hora, uma impressão de cansaço enervante, de fadiga mal humorada que deploravelmente dispõe para formular uma critica, sobretudo nos casos em que a justiça mandaria dizer bem. Certo, ha ali dentro algumas obras quasi primas, certo nem n'um nem n'outro dos *salons* abundam as coisas pessimas. Mas por toda a parte domina uma artesinha me'o termo, morigerada, ordeira, sem borracheira, mas sem genio, uma arte bem instalada na vida, de chineiros de liga e barrete de borla, que garante



1—No palco, por Lopes da Silva. 2—«Carmen», escultura, por Vincente. (Gliché Vizzavona) 3—O barco cativo, por Sousa Pinto

mais palido, se acaso de genio se tratasse n'essas exhibições. E eu digo isto para me desculpar de não ter visto a encantadora obra de mestre ignorado que estou certo de que lá deve existir em qualquer parte, entre uma série de paisagens que a gente se recorda já

de ter lambido nas *figuras de passar* da nossa infancia e quaesquer produtos de algum mundano retratista de *robes et confectiões*.

No *salon da Nationale*, além dos tres quadros de Zuloaga a que já em outro artigo me referi com grande louvor que eles merecem, outros ha que, com mais ou menos justiça atraíram a atenção do publico.

O retrato de Emiie Saner, por Albert Besnard é um d'elles. Trata-se de uma tela de medias dimensões na qual o pintor reproduziu a figura do pianista de pé junto do seu instrumento com o ar de quem caminha em passo de dança para agradecer os aplausos de um publico que se não vê.

O fundo, muito clara de ovo, não é, a meu vêr, dos mais proprios para dar ao retrato do artista esse ar de respeitavel seriedade que por certo o pintor não pensou em recusar-lhe. E isso concorre para que eu não possa, sem uma impertinente hesitação, subcrever a opinião dos que reclamam a en-



trada d'esse retrato n'uma sala de Museu.

Marguerite au Sabot, por Dagnan-Bouveret é um outro quadro deante do qual pára sempre a multidão dos visitantes. N'um cenario de chamãs, a tra vez das quaes se vêem : s figuras semi-apagadas de um Fausto que parece saído do collegio e de um Mefistofeles que saíu do *coiffeur*, Margarida,

1—Cavalos espantados, por A. Roel. 2—O. C. J. M. 23, por Albert Guillaume. 3—No hospicio das creanças abandonadas, por J. Geoffroy

segurando nos braços o filho morto. Não se entende muito bem a concepção do autor, nem se acha admiravel a luz amarela esverdeada com que, segundo o seu costume, ele iluminou o seu modelo. Mas esse modelo é devéras lindo e a sua expressão é interessante.

«*Chevaux affrontés*», por A. Roll, é um belo quadro, intenso, cheio de vida e realisado com o auxilio da tecnica mais perfeita. Está ali a obra de um mestre que o é—e a valer.





«Marguerite au Sabbat», por Dagnan-Bouveret

No *salon* dos *Artistes Français* o grande *panneau* de J. P. Laurens reproduzindo a *Primeira sessão solene dos jogos floraes*, realizada em 3 de maio de 1324 revela-

nos que n'aquela tempo os bardos eram de pau. Mas o painel tem em luz, perspectiva, desenho e esmero de pormenorização aquilo que lhe falta em movimento.

No *Général Lasalle chargeant à Wagram* o pintor militar Edouard Detaille

ganha nos domínios da arte uma batalha sofrivelmente gloriosa. O seu quadro tem fuga, tem *entraîn*. Contemplando-o, a gente desperta da sonolência em que

Chú das cinco romanesco e solitario a que aliás não falta naturalidade e encanto. No dos *Artistes Français*, Malhóa expõe o seu *Fado*, bem pitoresco e bem nosso, e um retrato de madame Sagatumé. Sousa Pinto tem lá uma pequena tela pintada na sua excelente feição habitual e um novel artista, Lopes Silva, uma impressão de bastidores que revela a mais segura aptidão.



Quanto á escultura... Quanto á escultura direi que me agrada uma *Carmen* de Vincent que aparece na exposição dos *Artistes Français*. E dilóhei de preferencia, não porque seja o melhor trabalho que lá aparece, mas por ser um d'aquelles de que, e injustamente, menos se falou.

Paris, junho, de 1912

Pau o Osorio.

1—O general Lasalle em Wagram, por E. Detaille. 2—Retrato de Emile Saver, por Albert Bernard

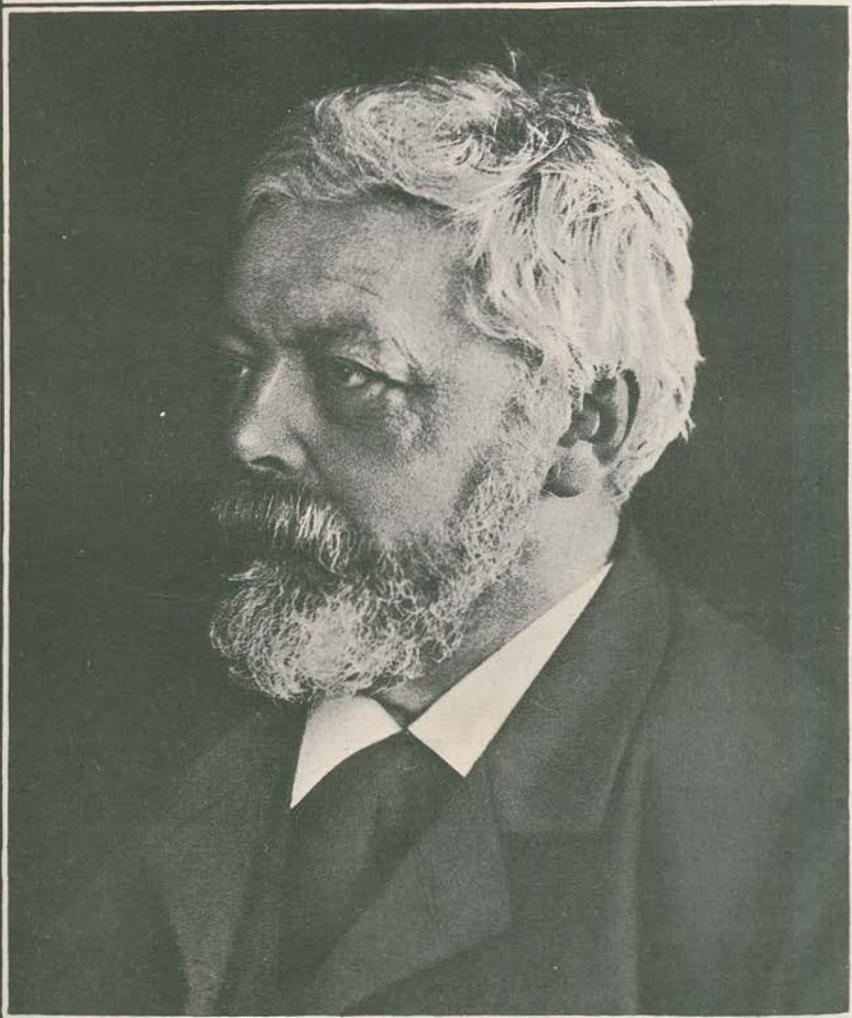
aos poucos a vista dos seus companheiros de *certamen* nos mergulhou.

N'esse *salon* ha tambem dois quadrosinhos de que os criticos pouco ou nada falam, porque decerto como tecnica não são extraordinarios, mas que são feitos com muita verdade e com muita emoção. Um é *A l'hospice des enfants assistés: l'abandon d'un enfant*, por Geoffroy, o outro *En attendant le médecin*, de cujo autor me não lembra o nome. Realistas tambem, se assim me é permitido dizer, embora n'um outro genero, os quadros de Albert Guillaume tem sempre um exito seguro. D'esta vez, no salão da *Nationale* o seu *O. C. J. M. 23.*, obteve um successo. Eu creio comtudo que d'esta feita como d'outras muitas, foi mais o homem de espirito que o pintor quem triunfou.

Os artistas portuguezes tem n'estas exposições uma representação honrosa. No da *Société Nationale* Columbano expõe o seu excelente retrato do ator Augusto Rosa, e a sr.^a viscondessa de Sistello um



O Presidente da Republica da Suissa



O Presidente da Republica da Suissa.
Retrato oferecido a S. Ex.º o Presidente da Republica Portugueza

O presidente da Republica da Suissa, n'uma homenagem ao Presidente da Republica Portugueza, ofereceu-lhe o seu retrato que publicamos e que simbolisa a cordealidade e a simpatia existente entre os dois paizes.

A Son Exc.
Monsieur Manuel d'Almeida,
Président de la République du
Portugal,

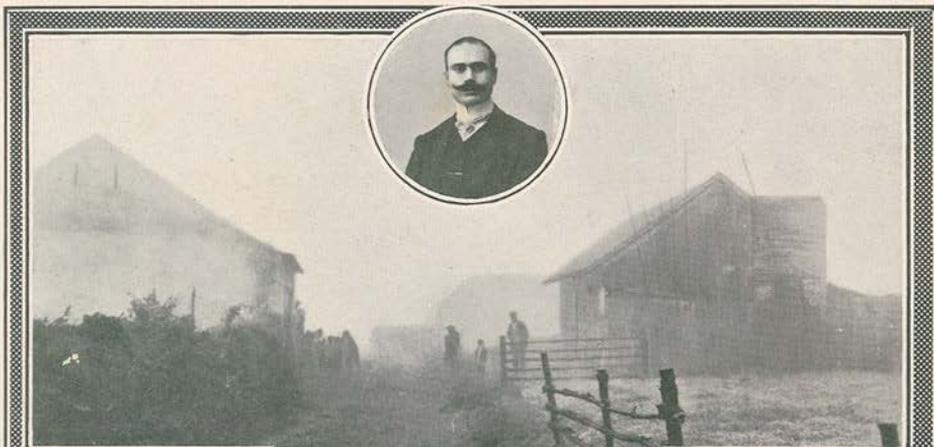
Hommage respectueux et
salut républicain

Bern le 5 Juin
1912.

J. L. Lemaire

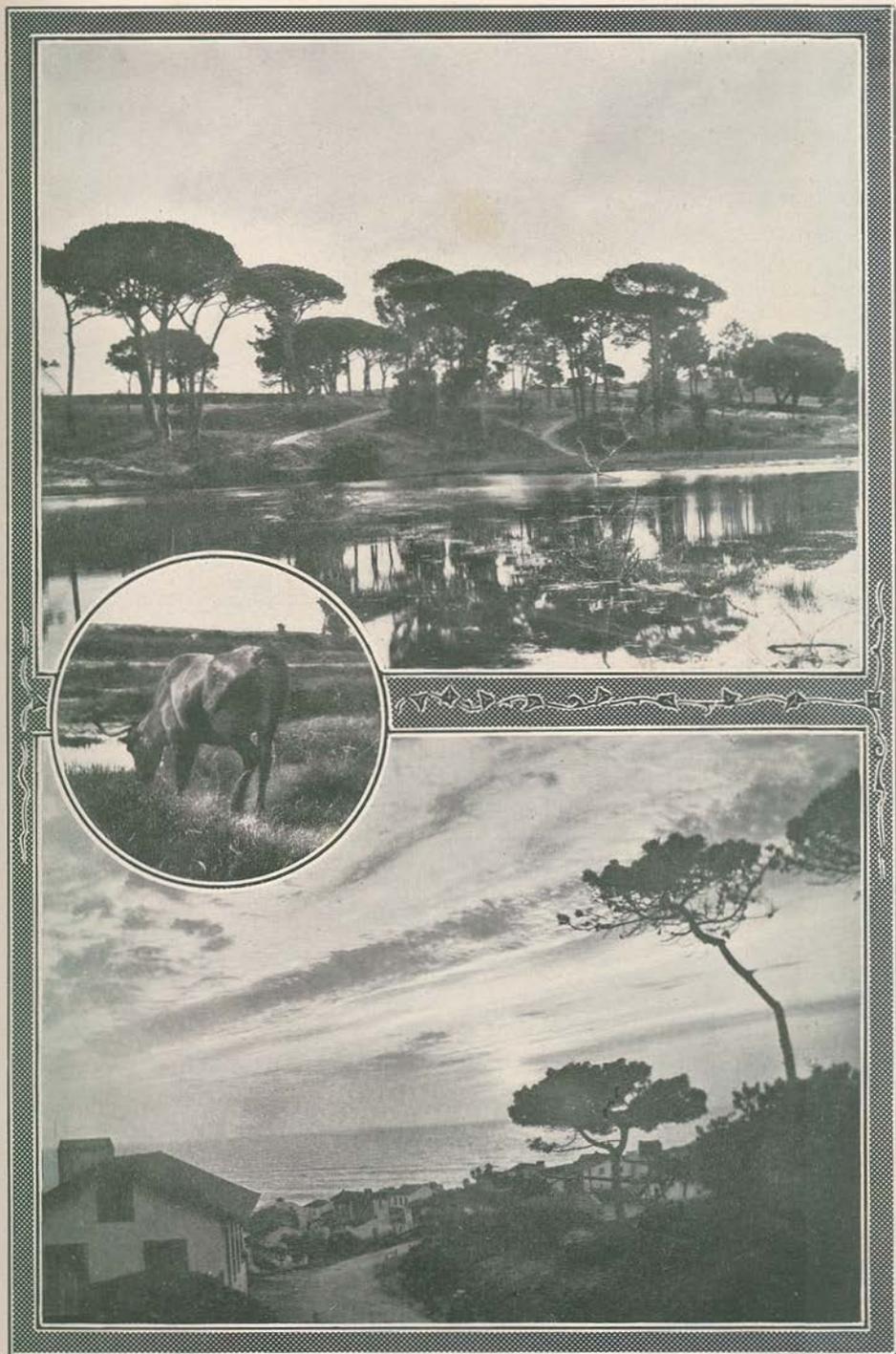
Fotografias Artísticas

DE
JOÃO MAGALHÃES JUNIOR, DA MARINHA-GRANDE



1 - Sr. João de Magalhães Junior.
2 - «Ao amanhecer»
3 - «Ao pôr do sol» 4 - «A caminho de Leiria»
5 - «De manhã»





1—«Campos de amor inundados». 2—«Pastando». 3—«S. Pedro de Muel».

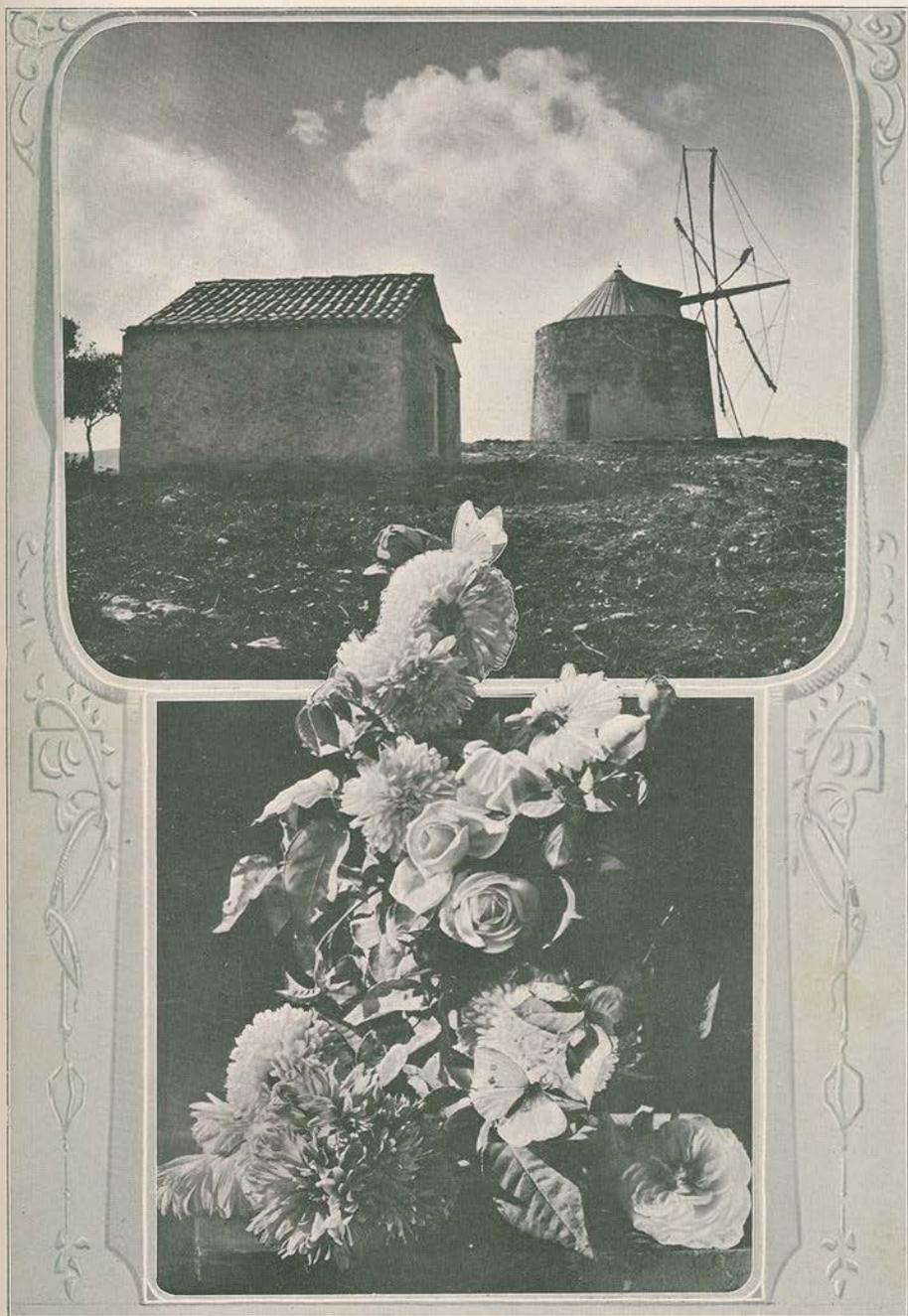


1—«Sob o vendaval» 2—«Mar agitado»

O autor das fotografias artísticas que inserimos já com outros trabalhos tem revelado nas páginas da *Ilustração Portuguesa* as suas grandes aptidões,

o seu gosto, o seu saber do mister que o tornam um dos mais distintos amadores d'este genero de fotografia.





1—«O moinho em descanso, Arrabal, proximo de Leiria» 2—«Flôres»



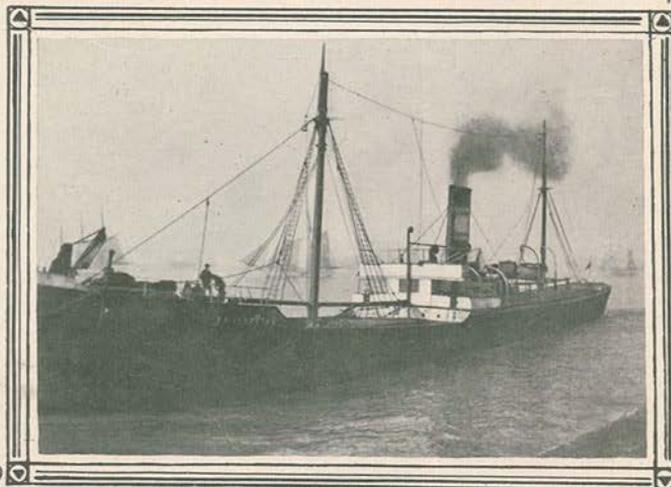
1 — A cam-
inho para o
trabalho:

2—Depois do
mercado:
Marinha
Grande.

3—No Tejo:
Manhã

Nos seus trabalhos ha muita arte de execução; mas ha sobretudo muita verdade, muita precisão nos menores detalhes, muita intuição na fôrma, por que colhe os aspêtos mais frisantes, e muita paixão no relevo encantador que ele dá ás paisagens da sua terra — a Marinha Grande.

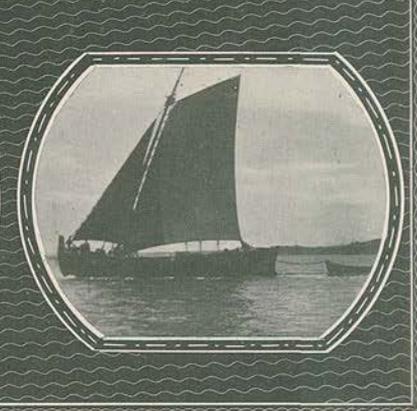
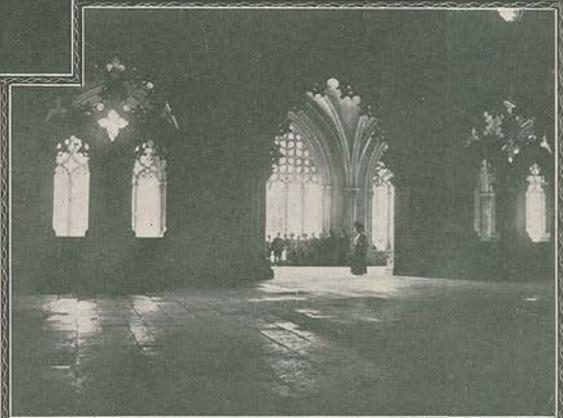
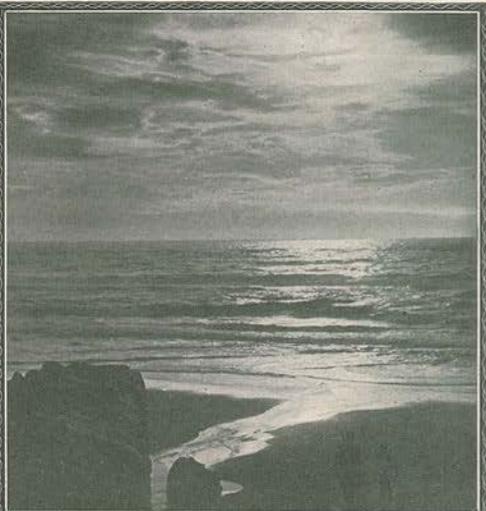
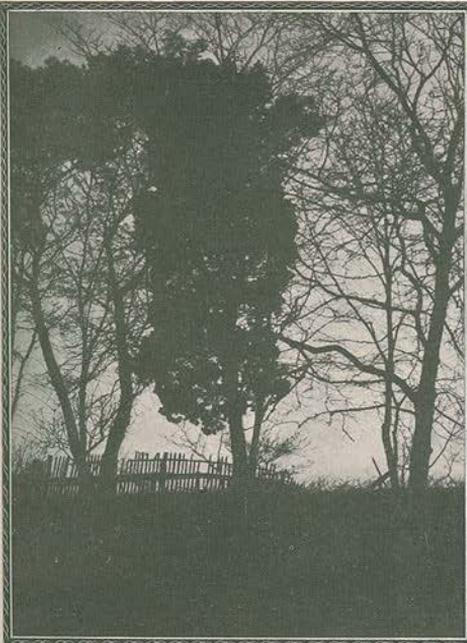
Aquelas terras aridas, divididas retangularmente por estacaria e silvados, as casinhas de madeira e adobos, alegradas pelos seus quintaesinhos, as aguas que o inverno deixa empoçadas n'aiguas depressões argilosas, os pinheiros enormes que cingem a Marinha e a perfumam constantemente de essencias bemfazejas, — minguem como ele sente



as belezas de tudo isso e as sabe reproduzir.

E a borda do mar desde S. Pedro de Muel, ao longo da penedia brava, escavada, cortada de reentrancias caprichosas, até á Praia Velha! Que motivos esplendidos não oferece ella a João Magalhães para os seus trabalhos! Ao amanhecer, á chapa do sol e nas noites luarentas, ora as vagas mansas, com os seus murmurios dolencios, mal branqueando de espuma o sopê das rochas, ora referendo rugidoras contra ellas em salzeiradas fantasticas, passam pela sua objetiva com

uma fidelidade flagrante, e, ao contemplarmos o-las fotografadas, temos a illusão de as ouvirmos ainda, de ainda lhes seguirmos os movimentos de olhar embevecido e de espirito absorto nos grandes phenomenos da natureza.



1—«Ao romper do dia» (arredores da Marinha Grande). 2—«Luz cheia» (S. Pedro de Muel). 3—«De manhã». 4—«A sala do Capitulo no mosteiro da Batalha». 5—«Lua encoberta». 6—«No Tejo ao amanhecer».

Um grande poeta inglez de 88 anos

OFERECE A SUA LARGA OBRA Á "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA,"



1—Emma Lady Sinclair, esposa do poeta. 2—O grande poeta inglez J. G. T. Sinclair, autor das «Lágrimas e Sorrisos»

Acaba de ser dado á tampa um dos mais belos e singulares livros de versos de que temos conhecimento. E' um compacto volume de mais de mil paginas, intitulado *Larmes et Sourires*, assinado pelo baronet sir Jean George Tollemache Sinclair. Além de pessoa ilustre de nascimento, sir Sinclair é um homem ilustre pela cultura do seu alto espirito, cujas faculdades de generalisação são postas em evidencia no livro de que se trata. Assim, ele mostra-se nos além de um poeta de raça, um critico d'arte de afinado senso estético e nobre independencia de opinião. As suas notas ás esplendidas gravuras reproduzindo retratos, paisagens, telas, esculturas e caricaturas são profundas e por vezes de um saboroso aticismo. Essas estampas marcam passagens do volume, que se compõe de poesias originaes e traduções para francez de poesias inglezas.

Em todas ellas ha sentimento e um poder de tecnica admiravel.

E' claro que não é de notar que esse ho-

mem ilustre escreva bem uma lingua estranha. Mas, o verso não é a prosa... Tem espinhos, sempre, e, n'estas singulares circum-

stancias, obices quasi irremoviveis.

Pois bem. Este poeta inglez—que é um velho de oitenta e oito anos!—verseja em francez assombrosamente. Não se calcula o que são esses versos, de harmonia, de plasticidade, com uma exuberancia de vocabulario extraordinaria, com uma riqueza de rima que fará a inveja de muitos francezes.

Larmes et Sourires representa toda uma bem aproveitada vida de artista. Curiosissimo livro, consolador livro. E' um regalo do espirito e dos olhos!

D'ele destacamos uma das mais delicadas poesias, que damos no original inglez e na tradução franceza.

Larmes et Sourires não é posto no mercado. Seu autor fez uma larga edição des-

tinada exclusivamente a ofertas.

Formosa e rica oferta que a *Ilustração Portuguesa* agradece ao grande e gentil poeta Jean George Tollemache Sinclair.



Ruínas do castelo de Sinclair no condado de Caithness (Escocia). Esta fortaleza domina o mar. All foi encerrado, por ordem de seu pae, um dos filhos do conde de Sinclair e all morreu de fome.



The ange and the child

An angel form with brow of light,
Bent o'er a sleeping infant's dream!
And gazed as though his visage bright
He there beheld as in a stream

•Sweet child whose face is like to mine,
•Oh! come he said and fly with me!
•Come, forth to happiness divine,
•For earth is all unworthy thee.

•Here perfect bli s thou canst not know,
•The soul amidst its pleasures sighs;
•All sounds of joy are full of woe,
•Enjoyments are but miseries.

•Fear stalks amidst life's gorgeons shows,
•And though serene the day may rise,
•It lasts not brilliant till it close;
•And tempests sleep in calmest skies.

•Alas! shall sorrow, doubts and fears,
•Obscure a brow so fair as this!
•And shall the bitterness of tears,
•Dim those blue eyes which speak of bliss.

•No, no, along the realms of space,
•Free from all care let us be gone,
•Kind Providence shall give thee grace
•For those few years thou mightst live on.

•No mourning weeds, no sound of wail
•Thy chainless spirit shall annoy;
•Thy kindred shall thine absence hail
•Even as thy coming gave them joy.

•No cloud on any brow shall rest,
•Nought speak of tombs or sadness there,
•Of beings like thee pure and blest,
•The latest hour shall be most fair.»

The angel shook his snowy wings,
And through the clouds of ether sped,
Where heaven's eternal music rings,
Mother, alas! thy son is dead!



L'ange et l'enfant

Un ange au radieux visage,
Penché sur le bord d'un berceau,
Semblait contempler son image
Comme dans l'onde d'un ruisseau.

•Charmant enfant qui me ressemble,
•Disait-il, oh! viens avec moi!
•Viens! nous serons heureux ensemble,
•La terre est indigne de toi.

•Là jamais entière allégresse,
•L'âme y souffre de ses plaisirs;
•Les cris de joie ont leur tristesse
•Et les voluptés leurs soupirs.

•La crainte est de toutes les fêtes,
•Jamais un jour calme et serein
•Du choc ténébreux des tempêtes,
•Ne garantit le lendemain

•Et quoi! les chagrins, les alarmes,
•Viendraient troubler ce front si pur!
•Et par l'amertume des larmes,
•Se terniraient ces yeux d'azur!

•Non, non, dans les champs de l'espace,
•Avec moi tu vas t'envoler,
•La Providence te fait grâce
•Des jours que tu devais couler.

•Que personne dans sa demeure,
•N'obscurcisse ses vêtements;
•Qu'on accueille sa dernière heure
•Ainsi que ses premiers moments.

•Que les fronts y soient sans nuage,
•Que rien ne révèle un tombeau,
•Quand on est pur comme à ton âge,
•Le dernier jour est le plus beau.»

Et secouant ses blanches ailes,
L'ange, à ces mots, prend son essor
Vers les demeures éternelles;
Pauvre mère, ton fils est mort.



No Collegio Militar

AS PROVAS FINAES

dias as provas finaes da aptidão fisica dos alunos d'aquelle collegio, apresentando-se d'uma maneira brilhantissima não só no conjunto do batalhão mas ainda nos exercicios isolados. Primeiro fizeram-se as

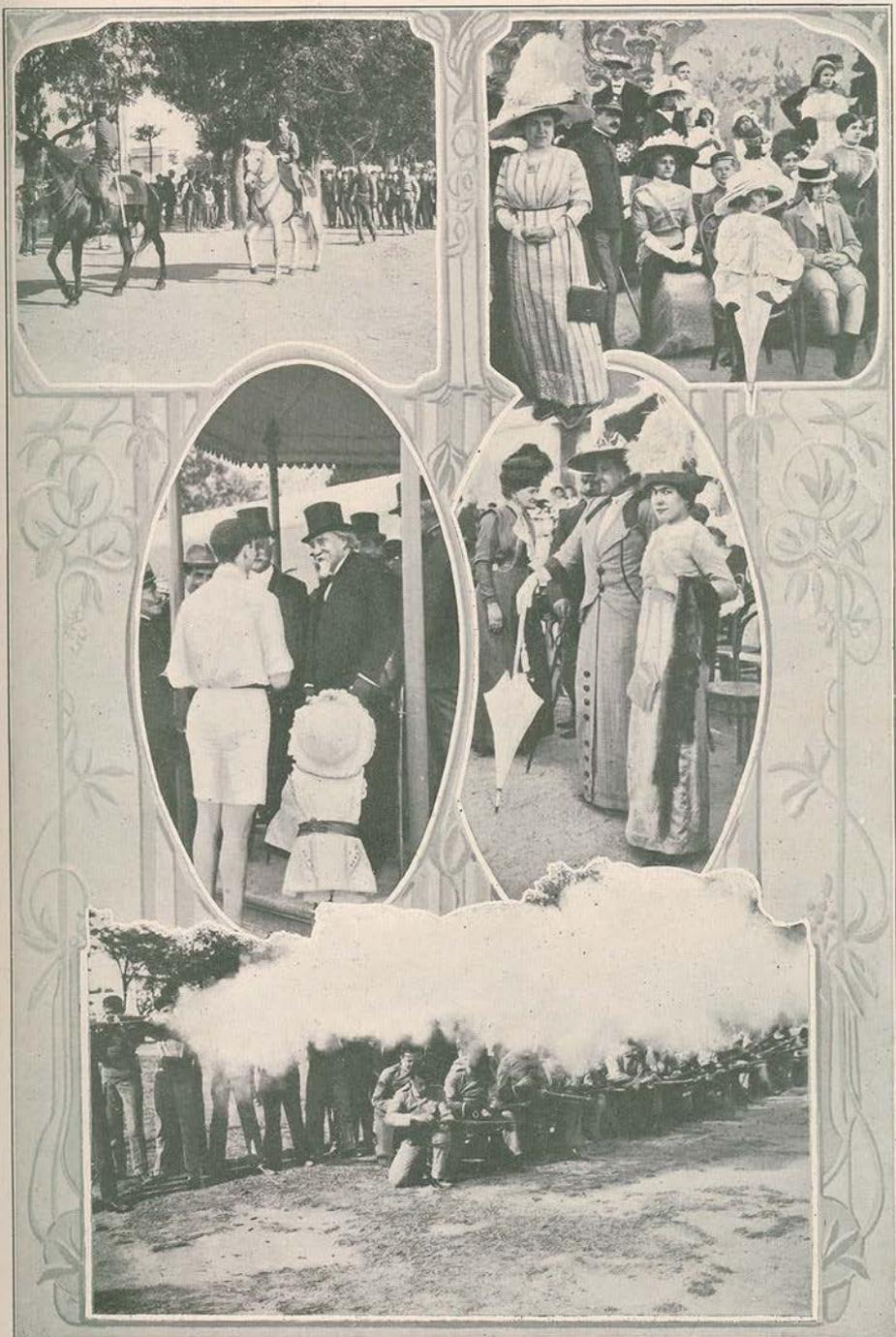


O Collegio Militar é uma grande instituição. D'ali teem saído os nossos melhores officiaes, tanto no tempo em que ele estava instalado em Mafra como depois que se inaugurou na Luz. Generaes dos de maior nomeada dirigiram o collegio. Era um encanto para o espirito dos velhos soldadões verem formar-se sob as suas vistas os pequenos militares que no futuro teriam as suas glorias. Assim passaram gerações; a familia militar foi creando mais fundas raizes e ali, n'aquella mesma escola da Luz, onde foram educados os paes — hoje com muitos galões nos braços — estão estudando os filhos para entrarem na carreira militar. Atualmente dirige o collegio, cujo penultimo chefe foi o illustre pedagogo Marques Leitão, o coronel sr. Ferreira Gil, um dos mais brilhantes officiaes portu-guezes.

Na sua presença na do ministro da guerra, tendo presidido o Che'e do Estado, realisaram-se ha



1—Em continencia ao hino. O presidente da Republica, o ministro da guerra e o coronel Gil, diretor do collegio. 2—Exercicio de voltelo. 3—A assistencia



1—Desfile no largo da Luz. 2—Trecho da assistencia. 3—O Presidente da Republica felicitando o aluno Costa Cabral, campeão dos saltos d'altura a 1,73 4—Outro trecho da assistencia. 5—Um pelotão fazendo fogo.

manobras de infantaria, depois os saltos d'altura e ginastica sueca em que tomaram parte os estudantes dos diversos cursos assim como nos assaltos de esgrima. Houve ainda corridas, saltos de vara, ciclismo e equitação, sendo os mais distintos muito felicitados tanto pelo ministro da guerra como pelo presidente da Republica.

Muito interessantes tambem foram os exercicios de cavalaria que constaram de volteio, evoluções e saltos de obstaculos, tudo realisado com um grande exito. Tambem o orfeon dos estudantes entouu a *Portuguesa* quando o chefe do Estado chegou á quinta para assistir aos exercicios.

A familia militar, que cada vez deve ser mais unida, teve n'esse dia uma festa esplendida com os pe-



quenos estudantes entre os quaes ha alguns que no futuro encherão com os seus nomes paginas da historia do paiz, outros que, como os antigos generaes, comandarão um dia o Colegio e terão saudades das festas da sua infancia, como as ha dias realisadas.



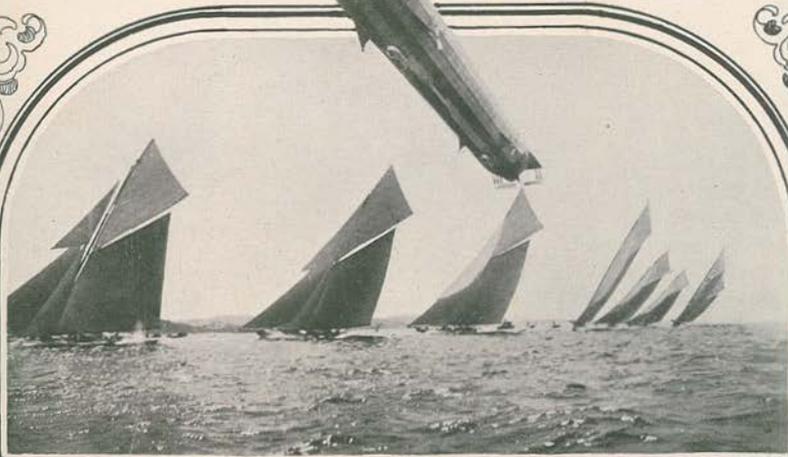
1—Saíndo da escola para o campo da Luz: O chefe do Estado com o ministro da guerra e coronel Gil. 2—O presidente da Republica, o ministro da guerra e o diretor do colegio, assistindo aos exercicios. 3—Marcha em continencia. 4—Um pelotão fazendo fogo de pé. 5—Assalto de esgrima entre os alunos do 7.º ano Prata Dias e Granate—(Clíchés de Benoitel)

LA POR FORA

As regatas de Kiel teem fama universal e a elas vão os mais celebres hiates do mundo. Este ano houve um facto

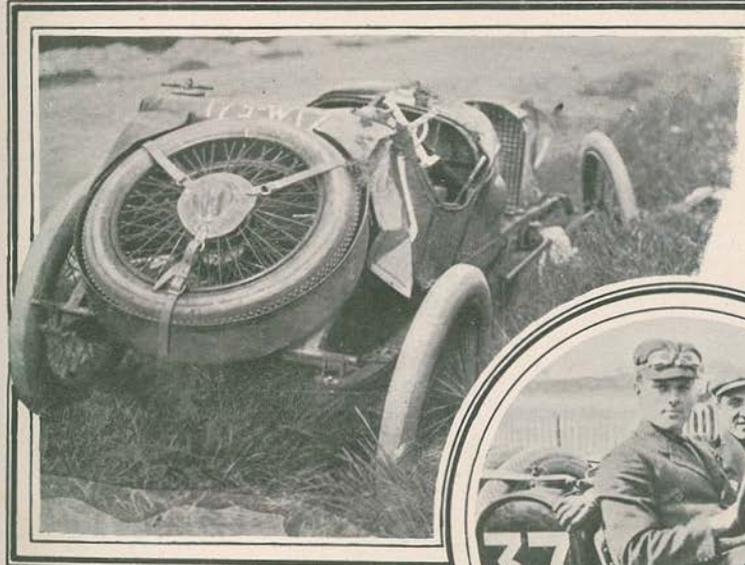
que chamou as atenções e foi saudado calorosamente.

Sobre o hiate imperial *Hohenzollern*, que levava a bordo a familia imperial,

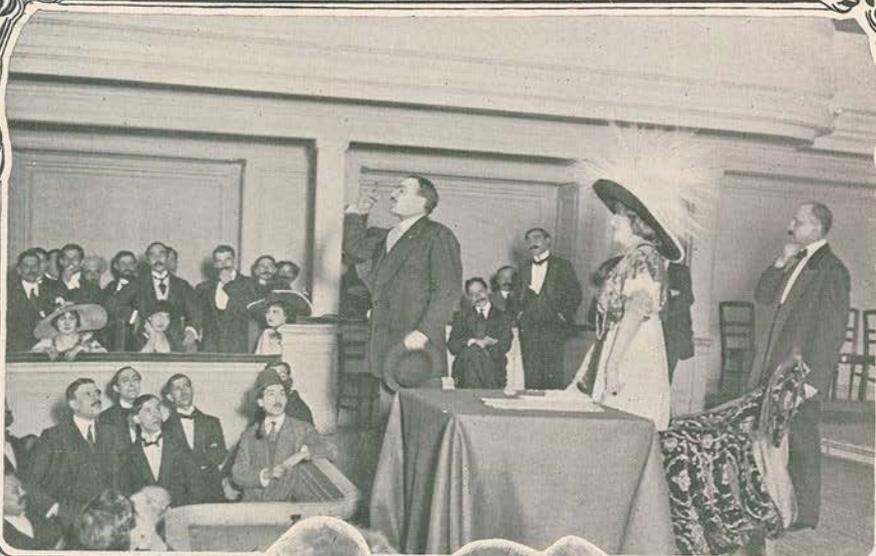


(Clichés De-
lius)

pairou
durante
muito
tempo
um Ze-
ppelin, o
Victoria
Lulza.



1 — Nas grandes regatas de Kiel, o dirigível «Victoria Lulza» passando sobre os hiates. 2 — Nas corridas automobilísticas de Dieppe: O automóvel de Collinet depois do accidente em que foi vítima o seu proprietario. 3 — David Bund, governando o automóvel que recebeu o primeiro premio.



O jornal teatral parisiense «Comedie» organizou entre artistas um concurso de pesca no lago do bosque de Bolonha no qual tomaram parte algumas das mais lindas atrizes e dos mais distintos atores.

Em volta uma multidão elegante seguia o entretenimento das formosas mulheres aplaudindo ali tanto as gentis pescadas.

ras como nos espetáculos as artistas graciosas.



1—A conferencia relativa á «Mulher no Futuro» feita por madame Valentine de Saint Point na sala Gaveau. As suas idéas provocaram grandes controversias. A fotografia representa madame Saint Point e os srs. Marinetti e Cataplan que as contraditaram



2—O concurso de pesca do Jornal «Comedie»: Mr. Santober puxando a linha.
3—Mademoiselle Cender e Mastinguet na pesca. (Fot. Central)

Homenagem ao dr. Antonio Macieira

A obra do ministro da justiça dr. Antonio Macieira recebeu uma grande consagração que foi o cortejo do livre pensamento. Milhares de pessoas desfilarão nas ruas de Lisboa a irem levar-lhe a mensagem em que elevavam as suas obras, a sua ação sobre os bispos, a apli-



cação das leis ao procedimento dos preladados. N'esse dia o povo da capital demonstrou a sua simpatia pelo ministro e agora uma comissão de amigos completou essa homenagem oferecendo-lhe uma pena d'ouro, que lhe foi entregue n'uma sessão realzada no teatro da

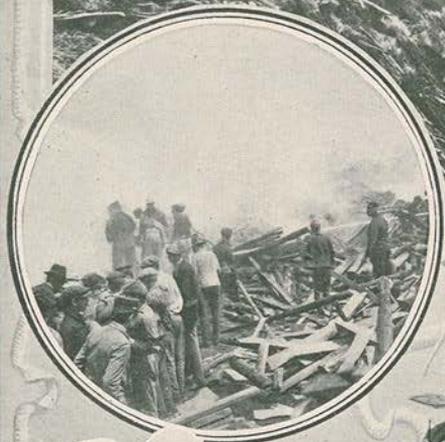


1—Dr. Antonio Macieira.
2—Os membros da comissão da homenagem ao dr. Antonio Macieira e os oradores da comemoração no teatro da Republica. No 1.º plano srs. drs. Alexandre Braga, Afonso Costa, Antonio Macieira e Correia Lemos, ministro da Justiça. 3—O estojo com a pena que foi oferecida ao dr. Antonio Macieira. 4—A pena oferecida ao dr. Antonio Macieira.

Republica e em que usaram da palavra os srs. drs. Afonso Costa, Alexandre Braga, e o Correia de Lemos, atual ministro da justiça, que mostraram os efeitos da obra do sr. dr. Antonio Macieira e enalteciam as suas qualidades.



O INCENDIO NO PINHO DO ATERRO



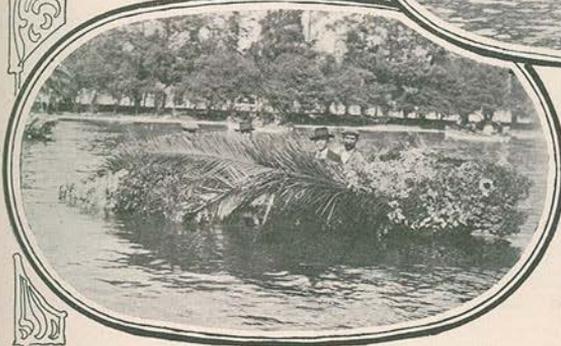
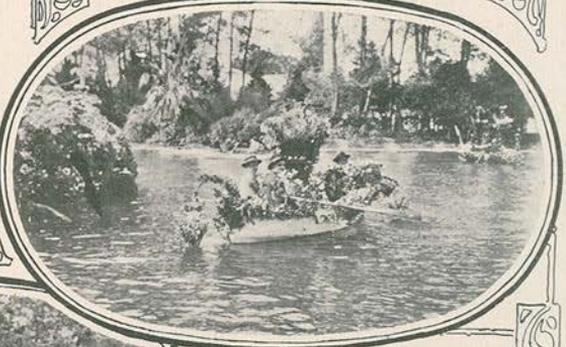
1—Rescaldo. 2—O ataque ao fogo. 3—Uma bomba a vapor. 4—Outro aspéto do ataque ao fogo.—(Clichés de Benollel)

FIGURAS E FACTOS



A Sociedade Ginastica Hespanhola de Madrid teve um desafio de *foot-ball* com o Sport Lisboa Bemfica e apesar da excecção dos seus jogadores ficou vencida depois de varias peripecias interessantes que marcaram as grandes qualidades de resistencia e pericia dos jogadores. No primeiro encontro ficaram empatados n'um *goal*. Na segunda sessão, realisada no dia seguinte no mesmo campo das Larangeiras, o jogo foi mais renhido ficando vencedores os portuguezes por 6 *goals* contra 1 dos nossos visinhos.

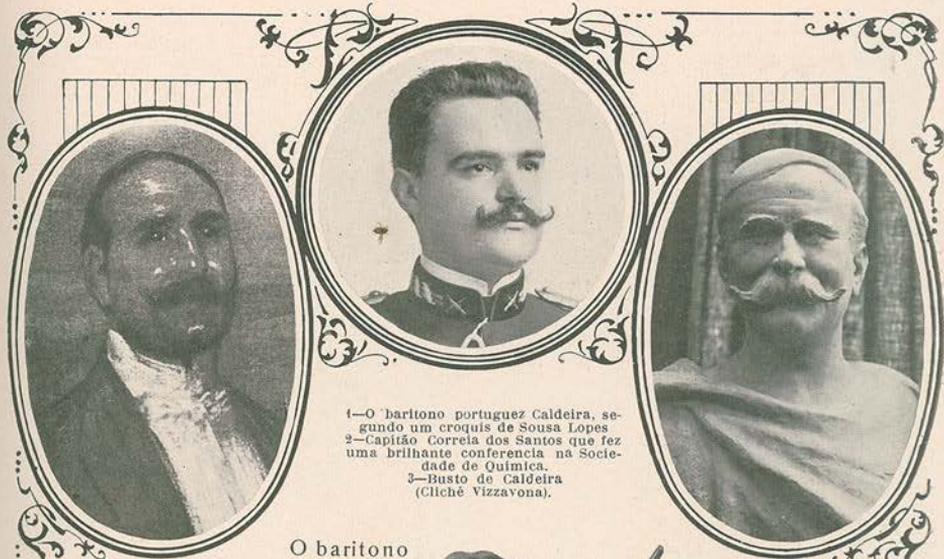
Pelos jogadores nacionaes foi-lhes oferecido um passeio Tejo acima que deixou encantados os hespanhoes a quem foi feita uma festiva recção no Club Hespanhol.



1—O desafio de «foot-ball» entre portuguezes e hespanhoes: A «equipe» portugueza que ganhou por 6 «goals» 2—Chegada da «equipe» vencedora da corrida de 100 kilometros das Caldas da Rainha. 3—A «equipe» hespanhola. 4—O concurso de botes enfeitados por Jardineiros da Camara, no Campo Grande: O 2.º premio. 5—O primeiro premio dos botes no lago do Campo Grande. 6—Outro aspecto da chegada dos vencedores da corrida de 100 kilometros das Caldas (Cliches de Benolle)



1—A «équipe» portuguesa concorrente aos jogos olímpicos de Stocolmo a bordo do «Asturias» sr. J. Vital, A. Pereira, F. Lazaro, A. Stromp, Cortezão e Fernando Correia. 2—Sr. Visconde de Alvor que faleceu em Vila Nova de Portimão em 23 de Junho 3—Sr. Adriano Matoso de Sousa, autor do «Poema da Vida» 4—O novo adido militar com o ministro d'Italia depois da sua visita ao ministro dos estrangeiros. 5—A nova instalação da Nutricia no estabelecimento do florista Peixinho no Chiado. 6—A fachada do Jardim de Lisboa onde está instalada uma nova sucursal da Nutricia. (Clichés de Benolle)



1—O baritono portuguez Caldeira, segundo um croquis de Sousa Lopes
 2—Capitão Correia dos Santos que fez uma brilhante conferencia na Sociedade de Quimica.
 3—Busto de Caldeira (Cliché Vizzavona).

O baritono portuguez Caldeira realisou

ha dias um concerto em Paris. Foi na Sala Hoche e ali concorreu uma brilhante assistencia que aplaudiu o nosso compatriota cujas grandes qualidades d'artista de ha muito estão consagradas.



No concerto promovido pelo ilustre pianista Alfredo Napoleão no Salão da *Ilustração Portuguesa* destacou-se o exímio violinista Benetó que

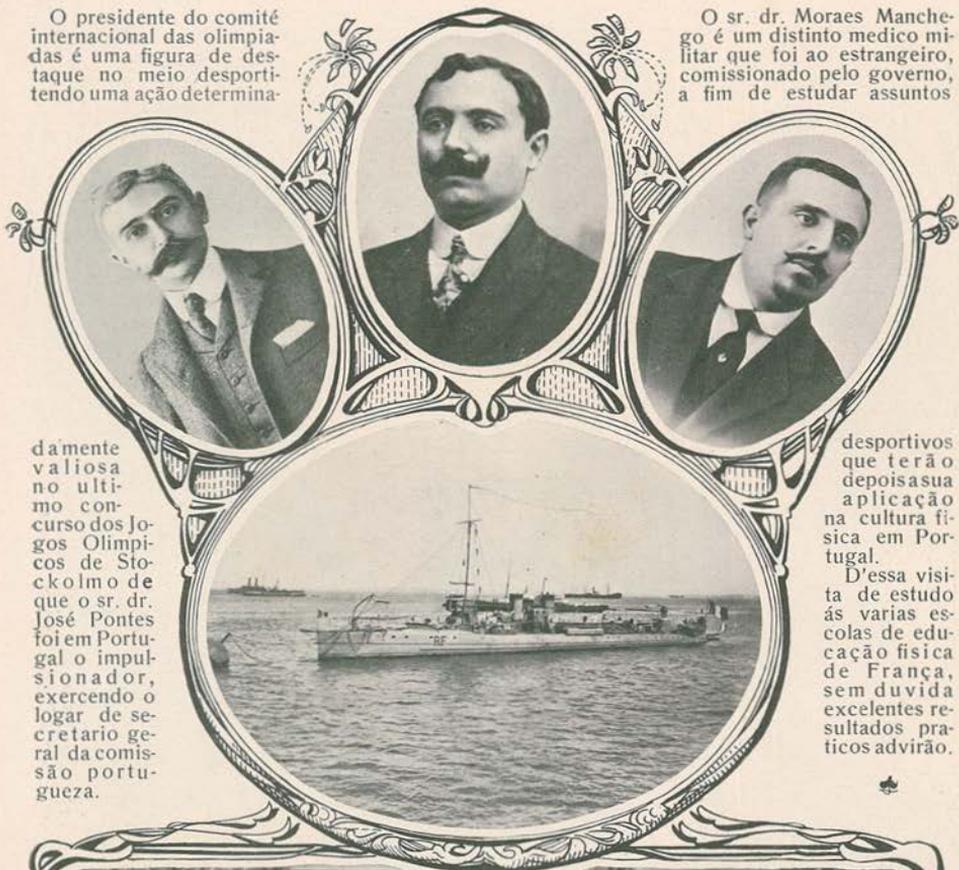


executou o alegre de concerto para violino e piano de que Alfredo Napoleão é autor, d'uma maneira magistral. M.^{me} Magalhães Correia, a distinta cantora amadora, cantou a *Grace Enchanteresse* de uma fôrma admiravel. A sonata de Bethoven com que Napoleão e Benetó abriram o concerto foi admiravelmente executada.

4—O concerto do ilustre pianista Alfredo Napoleão no Salão da *Ilustração Portuguesa*: A distinta cantora amadora, Madame Magalhães Correia. 5—O ilustre violinista Francisco Benetó. 6—Alfredo Napoleão.

O presidente do comitê internacional das olimpíadas é uma figura de destaque no meio desportivo, tendo uma ação determina-

O sr. dr. Moraes Manchego é um distinto medico militar que foi ao estrangeiro, comissionado pelo governo, a fim de estudar assuntos



damente valiosa no ultimo concurso dos Jogos Olimpicos de Stokolmo de que o sr. dr. José Pontes foi em Portugal o impulsor, exercendo o lugar de secretario geral da comissão portu-

desportivos que terão depois sua applicação na cultura fisica em Portugal.

D'essa visita de estudo ás varias escolas de educação fisica de França, sem duvida excellentes resultados praticos advirão.



1—O presidente do Comitê Internacional das Olimpíadas, barão de Courbelin, a quem se deve uma parte da organização da quinta olimpíada. 2—Dr. José Pontes. 3—Dr. Moraes Manchego que foi, subsidiado pelo governo, estudar assuntos de desenvolvimento físico a França. 4—O torpedeiro francez «Rafale», que esteve no Tojo com uma grande aviação. 5—As creanças que escreveram os melhores trechos no concurso da Sociedade Protetora dos Animaes e que receberam os premios sobre a bondade para com os animaes oferecidos por essa Sociedade, com o jurí

A FESTA DAS FLÔRES EM PARIS.



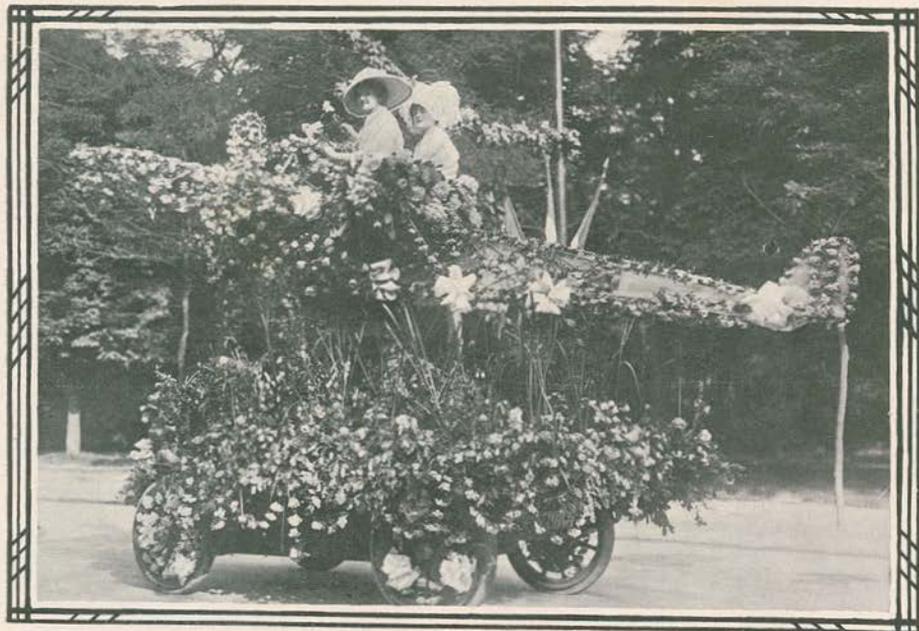
1—Madame Chiquita, no seu automóvel, enfeitado de rosas e lírios, que obteve o primeiro prêmio. 2—Uma carruagem original pertencente a mademoiselle Irvén, das Variedades.



A festa das flores de Paris teve este ano uma grande animação e realizou-se com um tempo esplendido. Apareceram carros admiráveis como os das estrelas parisienses Arlete Dergère e Gaby Madrid, além das carruagens originaes de mesdemoiselles Marcey Irvén e Marcey. O primeiro premio coube ao automovel de mademoiselle Chiquita, que apareceu ornamentado de rosas e lírios.

As gentis artistas parisienses deram assim a nota elegante, a de maior destaque no certamen, cujo produto reverte a favor das vitimas do dever que d'este modo tiveram um largo e importante subsidio.

Muitas flores, muitas lindas mulheres, um ceu admiravel, um entusiasmo delirante, sol, luz, riso e tudo isto para bem dos que cumprem, leal e ousadamente, a sua missão, eis o que foi essa encantadora festa de Paris.



1—O carro das borboletas, de mademoiselle Gaby Marcey, do «Vaudeville». 2—O aeroplano de mesdemoiselles Arlette Dergère e Gaby Madrid

OS JOÃO EM CONDEIXA E ALCOBAÇA



1—Rancho das tricanas de Condeixa nas festas de S. João: 1. sr. Joaquim Carvalheira, ensalador, 2. sr. Antonio d'Oliveira, autor das musicas e das canções.
 2—Uma das raparigas do rancho das tricanas de Alcobaca (Cliché Gomes d'Alcobaca)
 3—Orquestra e rancho das tricanas em Alcobaca, com o sr. José Augusto d'Oliveira, ensalador, e sr. José Sanches da Silva, ensalador dos côros



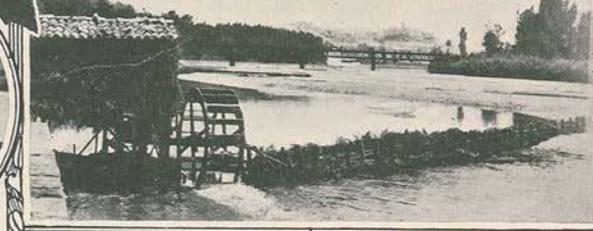
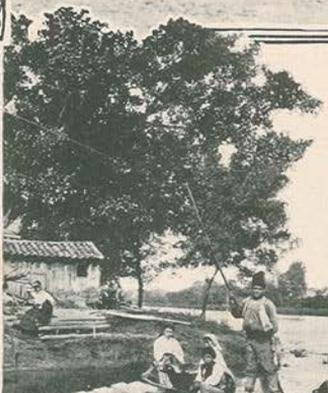
SAUDOSOS CAMPOS DO MONDEGO



Para aqueles discipulos de Ruskin em que o desvelado amor pela natureza e a sua contemplação estatica são dos maiores enlevos espirituaes, fonte singela de prazer, fonte exuberante de delicadas emoções esteticas, nenhuma região haverá tão doce e tão querida como esta! Das cercanias de Coimbra escreveu o torturado autor do *Sô*, na inspirada carta a Manuel:

...Vamos por aí fóra
Lavar a alma, furtar beijos, colher flores.
Por esses doces religiosos arredores.
Que vistos uma vez, ah! não esquecem mais:
Torres, Condeixa, Santo Antonio dos Olivaeis,
Lorvão, Cernache, Nazaré, Tentugal, Celas!
Sítios sem par! Onde ha paizagens como
aquellas?

As doces e claras aguas do Mondego,
como lhe chama Camões, que placidas



1—O Mondego e a entrada do Choupal. 2—Barca de passagem em Pereira. No Mondego. 3—A vinda do rio. 4—Barco sarrano.

5—Azenha no Choupal.
e mingudas correm no estio, descobrindo areas de ouro, avolumam-se com as chuvas invernís, transbordando-lhe rugidoras e impetuosas do leito, dando então á paizagem aspetos ineditos de desolação e de ruina, e depositando nateiros fertilisadores nas margens uberrimas. Paíra por todo o ambiente em que ha deslumbramentos de luz e delicadezas incomprendidas de côr, a pequena voz silenciosa—the still snal voice—que despren-



dendo-se mansamente da terra, tem acaraciado a alma cisadora de todos os portugueses que ha muitos seculos veem caminhando por esta região bem dita, despertando n'elles facultades inatas, que poetico foi e será sempre o espirito incorrigivel da nossa raça de heroes e de vates.

«A impressão produzida por esta deliciosa paisagem sobre os genios sentimentaes,— escreve aquella que no dizer de Menendez e Pelayo, é o anjo da Germania que a Portugal veiu denunciar as mais belas cousas do nosso glorioso passado, — não é todavia o que seria para esperar— a de uma

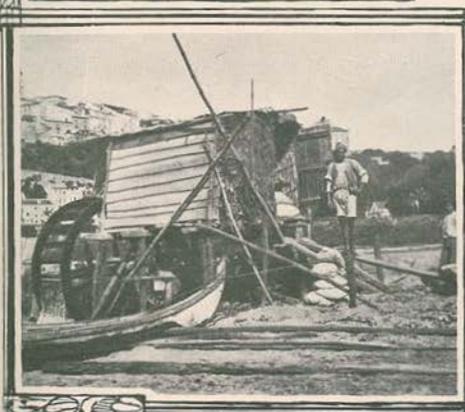
Arcadia alegre. A saudade é quem em geral reina e governa nos *Campos do Mondego*. A ave que os povoa e caracteriza não é a cotovia matutina — *the skylark* — que cheia de jubilo gorgeia hinos d'amor, mas antes o rouxinol noturno que chora queixumes desesperados até se finar de paixão.»

Quem ao percorrer a nossa literatura, desejar compreender a poesia portugueza terá de determinar a relação que existe entre a obra e a vida d'aquelles que a sentiram e lhe deram forma, e, essa vida é sempre a perfeita imagem do meio. Todos os nossos grandes poetas, desde que a poesia se libertou das influencias provençaes seguindo com Sá de Miranda e Ferreira os moldes do lirismo italiano, os proprios fundadores da escola, e, todos os outros de Camões a Antero sentiram a influencia da paisagem dos *saudos campos do Mondego*, influencia que desassombradamente deixam transparecer nas suas obras.

Dos contemporaneos, alguns dos mais illustres, veem espontaneamente confessar quantas profundas emoções esteticas, e fortes impressões, devem ao espectáculo deslumbrante e unico d'esta paisagem cheia de encanto e harmonia.

Julio Dantas, escreve: «O que mais me tem impressionado de tudo quanto conheço de paisagem de uma terra: são os campos de Coimbra, vistos do velho castello de Montemor, pela ruina

1— Coimbra é cidade e campo juntamente...
2— Outro aspecto de Coimbra visto do campo. 3— Azenhas no Mondego. 4— A ida para o rio



de uma das janelas da alcaçova das infantas. *São uma maravilha!*»

Eugenio de Castro, confessa: «A minha paisagem favorita é a do Mondego ao pé de Coimbra, vista na doçura do entardecer, sob a pulverescencia do luar de agosto, ou ainda em certas manhãs cristalinas e louras,

de inverno quando a serra do Espinhal tem o recorte e o azul translucido dos montes, que os primitivos italianos erguiam, como baluartes de safira no fundo dos seus quadros. Paisagem feminina, pela ondulação musical dos seus comôres e guteiros, e pelo seu misterioso poder dispersivo, sempre que a vejo, sinto que está aqui

o coração de Portugal, que é este o sítio onde afluem n'uma palpação suprema e se transformam n'uma doce perspectiva d'aguas saudosas e d'arvoredos resignados, os mais ternos e característicos sentimentos da alma lusitana.

Manuel da Silva Gaio, exclama:



1—No campo arrabaldo 2—O Mondego no Inverno. 3—Na margem do rio. 4—Salgueiro do rio. 5—Paizagem na região montanhosa do arrabalde



mar. E' a paizagem dos saudosos campos do Mondego, saudosos por tres modos: de quem os deixa — tão humanos são! — para quem os deixa, para quem sómente soube que ha de deixal-os um dia: porque são na verdade a adivinhação da saudade!

Um tão admiravel ambiente artistico, como nos oferece Coimbra e os seus arredores, devia ter influencia bastante intensa sobre a educação artistica na formação intelectual das successivas gerações que por lá transitam. Puro engano.

As influencias beneficidas das privilegiadas circunstancias do meio passam despercebidas ao maior numero: o estudante *no geral* não sente por Coimbra aquella admiração e simpatia que deveria fatalmente sentir se conhecesse todas as suas belezas, quer naturaes quer monumentaes.

Ora, é preciso que tal estado d'alma se desvaneca, é necessario que Coimbra seja olhada como a mais linda das cidades de Portugal, e, não vista com horror — classificada *snobmente* como a cidade do tédio. E' mister que os que por circunstancias varias são obrigados a lá permanecer tirem o melhor partido da ótima situação, tratando-se de lhe despertar o gosto pela educação artistica, fazendo-lhe desenvolver por todas as fórmias as faculdades admirativas, que são justamente aquelas que nos proporcionam emoções mais gratas e mais desinteressadas.



Das nossas paizagens prefiro, naturalmente, aquella que mais sei sentir, aquella que mais me absorve e para mim vive, assim, da minha propria vida!

E' a paizagem do Mondego nas curvas de Coimbra, onde a força da montanha começa a diluir na graça da campina; onde todos os aspetos, revelando d'um lado o carater ainda firme da serra, traem do outro o fugidio encanto das orlas e chãs ribeirinhas: paizagem de emoção dupla, paizagem que prende e que nos leva, como o seu rio, — com as margens em extase, d'ele murmuradas e vivas, e corrente lesta, breve tentava de suipidio nas ondas do



Que todos se convençam, como diz C. Wagner, que nada ha mais belo, mais digno da nossa atenção que o espetáculo da natureza que nos rodeia. Nunca se escre-



construções do século XII; a transição do românico para o gótico encontra-se no claustro da Sé Velha, em Santa Clara-a-Velha, em Celas.

De qualquer lugar que olhemos a cidade ela aparece-nos radiosamente bela, reclinada com magestade e sobrançeria em leito de verdura a destacar em reverberos de luz a casaria branca do fundo escuro das montanhas que a cercam.

Quer visitemos os *penedos da Sau ade e da Meditação*, quer descancemos na margem ensombrada do rio, na Lapa dos Esteios ou no Choupal, os aspectos são sempre variado e diferentes em cada estação do ano. Causa estranheza que os nossos pintores paisagistas não tenham procurado por aqui modelos com maior frequência, e, que á semelhança das numerosas escolas inglesas — *the schools of landscape* — em Coimbra não se encontre já em pleno florescimento uma escola de paisagistas interpretes fieis de tão assombrosos cenários.

Aqueles que em delírio panteista, embragados pelos mimos que a natureza n'estes logares dissipa com tanta prodigalidade, por aqui passaram os melhores dias da vida, certamente repetirão saudosos os versos do torturado Antonio Nobre:

Santos logares onde jaz meu coração,
Cada um e para mim uma recordação...

MESQUITA DE FIGUEIREDO.



verá um livro mais rico em detalhes cativantes!

O *amor pela natureza*, diz sir John Lubbock, é um grande privilegio; se este sentimento está desvanecido ou obliterado o carácter não pode deixar de se resentir.

O contacto íntimo com a natureza tem ainda enorme valor terapêutico: a saúde da alma, diz Feutschersleben, é no fundo o sentimento da harmonia, e, a harmonia é a própria natureza!

Os natuzaes de Coimbra possuem a vaga intuição dos ótimos benefícios que nos proporciona este culto pela natureza: mal tem um momento livre eles a vão para o campo á procura da sombra benéfica d'uma arvore, gosar os belos panoramas que por toda a parte se admiram, e, comer ao ar livre a sua merenda. Por outro lado os museus e os monumentos da cidade e arredores oferecem pelas suas muitas preciosidades e ininterrupta seriação cronologica, quando devidamente interrogados, lição pratica e bem suggestiva de historia da arte e da civilização portuguesa.

Todos os estilos aqui deixaram impressão indelevel e algumas vezes unica em Portugal. O românico está belamente representado na Sé Velha, em S. Salvador, em S. Tiago,



1—Lavadeiras no rio Mondego. 2—Tricanas 3—Outras lavadeiras (clichés do autor)

FIGURAS E FACTOS



Alcindo Guanabara — o grande jornalista brasileiro — está entre nós tratando-se de uma enfermidade. Chegou a bordo do *Asturias* com sua esposa e filhos e aos seus

aposentos do Avenida Palace tem ido prestar homenagem ao illustre brasileiro não só os seus mais distintos compatriotas mas muitos homens de letras portuguezes.



1—Medeiros e Albuquerque, o eminente escritor brasileiro que realiso em Paris, uma notavel conferencia sobre a «Literatura brasileira e a França», referindo-se nos mais calorosos termos ao povo portuguez e á nossa literatura. 2—Senador Alcindo Guanabara, illustre jornalista brasileiro, director do jornal a «Imprensa», que está em Lisboa. 3—Visconde da Torre, antigo director geral do ministerio da justiça e par do reino, falecido em Tui. 4—Comissão fundadora da «Sociedade Vegetariana de Portugal» (1914, Porto) Da esquerda para a direita, sentados, srs. Eduardo Lima Lobo, vogal, (comerciante); Dr. Amílcar de Souza, presidente, (medico); M. Teixeira Leal, vogal, (professor). De pé, M. Oliveira Borges, tesoureiro (industrial); Jeronimo C. Ribeiro, secretario, (capitalista)